

---

# MENINA OU MENINO?

## GÊNERO NA LITERATURA PARA CRIANÇAS E JOVENS

---

Rosa Gens<sup>1</sup>

### RESUMO

O trabalho examina publicações recentes destinadas a crianças e jovens, centrando preocupações no universo de representação de meninas/meninos. Parte de um levantamento de obras contemporâneas, refletindo sobre a orientação, muitas vezes didática, de condutas futuras, fossilizadas em perfis imóveis de comportamento. Investiga textos que apontam para a construção de subjetividades, a partir de sua montagem discursiva, procurando entrever como valores são desafiados ou reforçados. Comenta, nesse percurso, a polaridade que ainda perpassa as obras, investiga possíveis desestabilizações de papéis marcados do feminino e masculino e tece considerações sobre o caráter das publicações “paradidáticas” ou “extraliterárias”. Utiliza como referencial teórico textos de Bourdieu, Butler, Louro e Showalter para pensar no traçado de identidades de gênero.

### AZUL E ROSA

Há algum tempo venho observando obras que se destinam a referendar comportamentos de perfis de gênero. Comecei com Júlia Lopes de Almeida, e seus manuais, publicados ao início do século XX, e passei por várias obras do final do século, que ocupavam espaço privilegiado nas livrarias. Agora, volto-me para textos que exploram a temática de delineamento de gênero. Meta e risco que se misturam, pois escolher, tecer panoramas, mapear, é sempre atitude de aventura. Foi assim que durante algum tempo vasculhei livrarias, irrompi em sites, folheei catálogos reais e virtuais. E li muito. Dessa maratona, após limpezas e descartes, resultou uma lista de cerca de vinte obras, publicadas de 2001 até o momento, e delas escolhi dez, que aqui serão comentadas.

Trabalhar com literatura destinada a crianças e jovens leva a pensar, também, em novas ordens de escolha. É impossível acompanhar todas as publicações na área, tamanha é a quantidade de novas obras que chegam ao mercado. Além desse fator, o caminho para o encontro com livros para crianças e jovens por vezes não é o das livrarias, mas sim o do catálogo das editoras, em papel ou na Internet. E o das sinopses, que por vezes tentam vender apenas o observável em uma primeira camada. Vias tortuosas e imprecisas, que levam a pensar em como se pode comprar algo se não nos é oferecido, ou é mostrado apenas a partir de um tema chamativo.

Paralelamente ao levantamento e investigação temática, pretendi examinar a construção discursiva que apóia cada uma das obras, ligada à noção de estabelecimento de um perfil de gênero. Desde o início houve, portanto,

---

<sup>1</sup> FL/UFRJ

intencionalidade; e a tarefa de entrar em cada livro veio marcada pelo estabelecimento desse perfil de apreensão. Ressalte-se que os livros vêm, muitas vezes, acompanhados pelo rótulo de paradidáticos, estabelecendo um perfil de endereçamento ao mercado. Sempre uma leitura ao lado, uma leitura “para”, convocando para a possibilidade de um saber a ser adquirido no caminho da apreensão de sentido da obra. Nesse percurso, as sinopses constantes dos catálogos permitem entrever o jogo do mercado, ao enfatizarem, muitas vezes, os temas mas desejados no momento por currículos e orientações pedagógicas.

Início assim o meu trajeto: do conjunto de obras lidas, verifico que há muitas que são apenas apresentações de marcas de gênero, objetivando dar informações ao leitor-criança ou jovem. Uma segunda linha usa o mote do gênero para brincar com imagens, ações e palavras. Uma terceira é representada por narrativas que se desenvolvem e trazem, em seu bojo, questões de gênero.

## O QUE DEMARCAR?

Começo por examinar o livro *Os meninos e as meninas*, de Brigitte Labbé e Michel Puech, publicado pela editora Scipione. A tradução é de Adalberto Luis de Oliveira e as ilustrações são de Jacques Azam. Obra portátil, que pertence à coleção “Filosofia para crianças”, compõe-se de pequenas narrativas introduzem informações, colocando em dois conjuntos, inicialmente, meninos e meninas, para depois deslocar órbitas e estereótipos. O texto trilha o caminho do narrar para estabelecer um contato, um começo, com o que virá depois. Vale-se de exemplos do mundo animal, e de situações que exibem papéis fixos para depois redimensioná-los. É assim com o bloco “Mulher bombeira, homem babá”, em que, a partir de definições do dicionário, são questionadas ligações de profissões a homens e mulheres. O projeto gráfico, cuidadoso, demonstra a integração entre ilustração/texto. As narrativas que antecedem as reflexões, e que são elas mesmas pontos de pensar, acham-se marcadas por um traço irregular em vermelho à esquerda e exibidas com um tipo e tamanho de letra diferente do restante do texto, chamando atenção para a sua intensidade. As ilustrações trabalham com a comicidade e ajudam a enfatizar determinadas situações e pensamentos.

Desde a capa, chamativa em cor laranja, com o desconcerto do título, e a ilustração em que uma menina e um menino observam a si mesmos, no que diz respeito à genitália, a atitude é de curiosidade e de vontade de descobrir.

Ao acessar o site da Editora Scipione, encontro as seguintes informações, associadas ao rótulo de literatura informativa-infantil:

Um apanhado dinâmico das diferenças entre meninos e meninas, começando pelas características físicas e estendendo-se até as diferenças de educação, preconceito e tradição. A obra discute as qualidades que os adultos esperam dos meninos, como coragem e força, e das meninas, como delicadeza e sensibilidade. Mas, sobretudo, ajuda o leitor a compreender que os papéis sociais não podem ser tão rígidos.

Claro que a obra é diretiva. Claro que faz parte de uma esfera de leitura pedagógico-condutiva, à qual a literatura infantil está estreitamente ligada. No entanto, por não tentar vender-se como literatura — afinal, trata-se de uma coleção informativa — traz a possibilidade de chegar a uma leitura instigante. Torna-se, também, interessante, como o afeto aparece ao final do texto, mostrando como apaixonar-se aproxima meninos e meninas. Este é um movimento, de aproximação pelo sentir, ou de entendimento pelo afeto, que pode ser encontrado em muitas das obras que apresentam delineamento de gênero.

Também em *O que os meninos fazem? O que as meninas fazem?*, de Ilan Brenman, com ilustrações de Graça Lima, revela-se estruturalmente a tentativa de apreensão dos universos masculino e feminino. Às páginas ímpares cabe a caracterização dos meninos, às pares, a das meninas. No entanto, os universos, aparentemente separados, vão se contaminando (“E brincam com as bonecas das irmãs”; “E brincam com o carrinho dos irmãos”), reproduzindo, com nuances (“Ouvem histórias de terror e amor”; “Ouvem histórias de amor e de terror”), poetizando (“Lutam com espadas”; “lutam com varinhas de condão”), até que se misturam nas páginas finais, em que meninas e meninos apreciam coisas semelhantes. A partir das afirmativas básicas, inseridas no rodapé da página, e das excelentes ilustrações que constroem os sentidos, observa-se que a obra desestrutura os papéis fixos, movendo-os, ora pela exploração de conjuntos separados de comportamento, ora pela troca, ora, ainda, pela contaminação.

Tal procedimento aparece, também, na obra de Stella Florence, autora brasileira nascida em 1967, cuja escrita é solta, leve e interessante. Mas vamos observar onde nos levarão esses adjetivos ao contemplarmos um de seus livros: *Ser menina é tudo de bom! Dicas para melhorar a auto-estima das adolescentes*.

A linguagem é fácil, permeada por expressões do jargão adolescente, e o convite para a leitora se torna irresistível, ao visualizarmos na orelha do livro: “Pois, então, você tem em mãos um livro com valiosas dicas que podem fazer o melhor de cada menina vir á tona. Altas ajudas, com certeza.” (FLORENCE, 2005.) A obra pertence à coleção “Altas ansiedades” e faz parte da linha editorial da Rocco denominada “Jovens leitores”. Outras coleções merecem ser observadas no panorama da mesma editora: a “rosa-choque” e a “azul radical”. Referenciais de cores ainda delimitam meninas e meninos, embora, na sinopse que apresenta o

conteúdo das coleções, haja um convite para o “outro lado” ler, para que possa entender melhor o antigo “oposto”.

Mas voltemos ao texto de Stella Florence. As “dicas” se apresentam em blocos de sentido, acompanhadas de pequenas narrativas e de exemplos que visam a ancorar a, o leitor, a em um porto seguro de sentido. Dentro da visada que se propõe, a obra é interessante, rompendo com determinados estereótipos ligados ao feminino e chegando a se impor, ainda que superficialmente, como possibilidade de problematização (ver, por exemplo, o bloco feminilidade: “Você pode tudo, querida, você pode absolutamente tudo o que desejar.” p. 140). O tom de conversa torna a sintonia íntima, com direito a clímax ao final do texto: “Quem sabe a gente, nesse mundo sem fim, não se encontra um dia? Um beijo de sua amiga, Stella”. Familiaridade, contato, proximidade permitem a criação de uma sintonia desejável para o tratamento de subjetividades.

Cabe aqui citar Judith Butler: “...o gênero não é um substantivo, mas tampouco é um conjunto de atributos flutuantes, pois vimos que seu efeito substantivo é *performativamente* produzido e imposto pelas práticas reguladoras da coerência de gênero.” (BUTLER, 2003, p. 48). Com essas *performances* trabalham os textos, visando, na maior parte das vezes, a mantê-las, em outras, a iluminar a sua não-naturalidade.

Na performance do discurso transita o gênero. Portanto, entre o oral, o cênico, o escrito, move-se o texto. O tom cômico é constante, principalmente nas marcas da linguagem “não acho legal”, “curtir cinema” entre outras, e nas situações padronizadas pela autora.

Sigo em frente e entro em *Por que meninos têm pés grandes e meninas têm pés pequenos?*, livro publicado pela Cortez em 2004. Observo, antes, a sinopse do catálogo:

É uma história em que se faz um questionamento sobre a identidade e lugar dos pés no mundo. Será que pés delicados são sempre das meninas e pés grandes são sempre dos meninos? Os pés revelam quem somos? Ou o que queremos ser? Sandra Branco é professora universitária de pós-graduação e este é seu livro de estréia na literatura infantil. Elma Neves mora na Paraíba e está-se revelando uma talentosa artista.

Ao tomar metonimicamente o humano, a autora se permite começar pela separação dos conjuntos, meninos e meninas, para depois, em meio à sucessão de quadros, exibir a idéia de junção. O apelo direto ao leitor, que é referenciado por intermédio de uma segunda pessoa, delinea o aspecto de sedução e convencimento. O tom discursivo é o de querer passar fortemente uma idéia, na ilusão retórica de que todos teremos nossas crenças confirmadas se assim pensarmos. Não se trata de uma

narrativa, mas de sucessão de quadros, com texto pequeno, imagem gigante, o que permite a sedução pela imagem.

Parece-me, no entanto, que as ações e imagens escolhidas para configurar meninos e meninas resvalam no inexistente e no ultrapassado. Vejamos:

Meninas têm pés pequenos para tropeçarem em cada buracinho e serem paparicadas pelo papai, para que o chulé seja mais fraquinho, para que possam calçar sandálias e ficar com os pezinhos mais delicados  
 Meninos têm pés grandes para poderem chutar a bola com mais força e velocidade e fazer gol, para que o chulé seja mais forte, para calçarem tênis e ficarem com os pezinhos monstruosos.

No movimento de exposição de quadros, cava-se o fosso. É flagrante o objetivo de desconstruir a ideologia; contudo, ela se encontra tão enraizada nas palavras que é impossível fazê-lo dessa maneira. Há sempre uma ressalva. Por exemplo, já na pretensa desconstrução de estereótipos, o comando é certo:

PORTANTO:  
 NÃO SE ASSUSTEM, MENINAS...  
 SE VOCÊS GOSTAM DE CHUTAR BOLA!  
 (DEIXEM QUE A MAMÃE SE PREOCUPE COM ISSO.)  
 NÃO VAI ADIANTAR NADA MESMO! (BRANCO: 2004, p. 15)

E na frase “Vocês podem até se casar com um pezinho...”, em que não há direcionamento para um ou outro conjunto, englobado no “vocês”, mas a marca da tolerância pode ser entrevista no “até” que, embora se ligue aos outros, foca-se nos “pezinhos”.

O projeto gráfico do livro é interessante, desde o tamanho apresentado até o trabalho com a textura do papel linho (ou da tela). Observe-se a imagem da capa, que exhibe elementos marcados na caracterização de meninos e meninas: calça/saia; cabelo curto/cabelo comprido, embora o formato do corpo seja semelhante. Os pés percorrem o texto, em todas as páginas exhibe-se um caminho de continuidade. Ao final, exhibe-se uma moral que vem com jeito de metáfora:

AFINAL...  
 NÃO SÃO AS PEGADAS QUE MARCAM O NOSSO CAMINHO?  
 E O NOSSO CAMINHO NÃO È GUIADO PELA NOSSA CABEÇA?  
 ENTÃO, O QUE VALE MESMO É A NOSSA CABEÇA!  
 QUE ABRIGA OS NOSSOS PENSAMENTOS E IDÉIAS.  
 (BRANCO: 2004, p.15)

O texto é, assim, pontuado por máscaras, duplos de atitude de rosto e de corpo, e termina por solidificar perfis de masculino e feminino, em seu trajeto de pés e sentidos.

Já em *Romeu suspira, Julieta espirra*, de Mara Amália Camargo, encontramos a apresentação de diferenças como criação de uma linha tênue para a confecção do enredo. Entretanto, aqui as diferenças não são as usualmente enfocadas. São contextuais, e parecem funcionar mais como uma brincadeira sonora do que pelo viés da apreensão de sentido. Assim:

Romeu tirou do bolso um saca-rolha.  
Julieta, um plástico bolha.  
Julieta contou que nasceu em Xique-xique.  
Romeu, em Conceição do Ibitipoca.  
Romeu voava numa patrulha.  
Julieta, de salto agulha. (CAMARGO: 2007, sp)

Mesmo quando os elementos apresentados pertencem ao conjunto de diferenças do quadro homem x mulher, eles não se expõem como pertencentes à esfera comum. Jogam com a brincadeira e com a possibilidade de deslizamento de características estereotipadas de gênero. Observe-se:

Julieta fazia sumô.  
Romeu, bozerinhos de tricô.[...]  
Julieta comprou um Ford Bigode.  
Romeu, duas mamãe-sacode. (CAMARGO: 2007, sp)

Assim, terminam por dissolver as polaridades usuais em discursos de confronto entre homens e mulheres, embora mantenham uma estrutura de comparação e alternância. O final do texto é o de ligação, pois se cria, dentro do *non-sense* do enredo, o doce Romeu e Julieta.

Sigo em frente e encontro *Alice no espelho*, de Laura Bergallo, em que o leitor se vê face a uma narrativa em terceira pessoa, focada na protagonista Alice, com um narradora/comentadora que dialoga com planos de significado:

Alice ainda se lembra do pai recitando esses versos, que ficam bem no começo do livro *Alice através do espelho*. Para ser sincera, não sei se ela se lembra das palavras exatas (ou mais ou menos exatas) ou se gostaria de lembrar. No começo da história, a gente que escreve ainda não conhece muito bem a personagem, porque ela vai se mostrando aos poucos, a cada ato que pratica ou frase que faz.

O método de construção da personagem permite que o leitor sinta-se um pouco criador junto ao narrador. E vai sendo conduzido pela história de Alice, 15

anos, morando com a mãe e a avó, saudosa do pai e com problemas de aceitação do próprio corpo.

As ilustrações de Edith Derdick alternam a figura de Alice protagonista à de Alice no país do espelho, assim como a narrativa de Laura Bergallo vale-se da matriz de Lewis Carroll. O universo adolescente, pleno de revistas “de papel brilhante, muito coloridas”, (BERGALLO, p. 19) e de desejos é apresentado. O maior desejo de Alice é ser magra. E por ele debate-se, ao longo da narrativa. A ausência do pai e a da mãe são um prato feito para levá-la à bulimia e à anorexia. O texto, portanto, expõe determinados problemas da adolescência e, ao unir-se à fantasia, através de episódio de passagem de Alice para um plano outro, o do espelho, revela possibilidades de reengenciar a vida. Vem acompanhado de um suplemento, “Quer saber?”, elucidativo da anorexia. Nele, especificamente é enfocada a figura de meninas, mostrando a quase exclusividade do distúrbio. Em contrapartida, mostra-se o culto aos músculos, ideal dos anos 50 principalmente, como “Problema de Menino”. A seguinte apresentação aparece no catálogo da editora:

Para enfrentar seus problemas, que passam pela ausência do pai e pelo descaso da mãe, Alice começa a se autodestruir, num processo de anorexia e bulimia. Mesclando a história de Alice com a de *Alice no país do espelho*, de Lewis Carroll, a autora retrata de modo sensível um drama cada vez mais presente em nosso cotidiano.

Também em *Vic*, de Cristiane Dantas, encontramos a personagem principal, que dá nome ao livro, e ondas de exclusão da adolescência:

Tudo porque VIC não ligava nem para televisão nem para cinema, nunca teve curiosidade nem de folhear uma revista teen, não saía à noite, e quem comprava suas roupas era a governanta – mesmo assim, só quando sua mãe esbarrava com ela no corredor da casa, tipo uma ou duas vezes por ano, e notava suas camisetas furadas, esbeçadas e desbotadas. Ou seja, sem saber nada sobre modas e modismos, ela era uma excluída. E o pior de tudo: Vic ainda era “boca-írgem”, a única BV da turma. Provavelmente, a única BV da escola inteira — incluindo o pré-escolar. Excluída era pouco. Vic era a excluída das excluídas de todas as excluídas do universo.” (DANTAS, p. 11)

As complicações do cotidiano da menina que adora literatura gótica dão o tom da trama, e, ao final, Vic deixa de ser BV. Os conflitos da adolescência são mostrados com eficácia, e a construção retórica delinea o perfil de subjetividade da protagonista. Outras são as dinâmicas discursivas encontradas no livro *Meninas inventadas*, de Ana Leticia Leal (1970), da Editora Bom Texto. Nele, encontramos pequenas crônicas que referenciam o universo da adolescência, e que perseguem o mesmo tema dos livros que comentamos anteriormente: a visão do corpo, roupas,

questões identitárias, relacionamento com meninos, teias familiares. Agora, opta-se pelo conto, e as meninas inventadas aparecem em pleno diálogo, ou através de um discurso específico, do diário. As ações e reações da faixa etária são finamente captadas pela autora, que as reconstrói em textos que se movem em reflexões. Preconceitos, sexo, atitudes frente ao mundo percorrem as narrativas, em que se dá voz a quem está na passagem, e não se ordena ou impera a partir do adulto.

Ana Letícia Leal, ao dar a palavra às adolescentes, instaura a possibilidade de tornar a perspectiva dinâmica, e não mais fixa. Essa angulação encontra-se também em *Beatriz em trânsito*, de Eloí Elisabete Bocheco. Sintoniza a primeira pessoa, e nesse jogo capta a atenção dos leitores. A interação leitor/narrativa é mais freqüente em narrativas, em primeira pessoa, que deixam uma possibilidade maior de adesão.

Referenciais possíveis de constituição do universo adolescente plasman a narrativa, fundamentada em um eu que se forma e se faz em linguagem. Assim, comparecem à trama: o padrasto que bate na melhor amiga da protagonista, e é denunciado, a perda da mãe, o abandono pelo pai, as dúvidas e aproximações com o afeto. Plena de recorrências literárias, a narrativa expande as noções de ser mulher e ser adolescente, em efeitos performativos. *Beatriz, em trânsito* de escolas, de vida, de aprendizado, vai pouco a pouco construindo sentidos e ligações.

## MARAVILHA OU PERIGO?

A incerteza move os discursos, e é no trânsito da busca e da passagem que se confere a subjetividade enquanto construção. Terminei este mapeamento com *O maravilhoso livro das meninas*. Ao vê-lo na vitrine de uma livraria, imaginei que fosse uma reedição. Que nada. Trata-se de uma publicação com “cara de almanaque retro”, *vintage*. Sucedeu a *O livro perigoso para garotos*, da Record. E resgata receitas, truques, brincadeiras, num movimento que seria louvável, se não fosse acompanhado de direcionamento certo. Circunscreve a mulher, mais uma vez, ao lugar do doméstico, reforçando o que Bourdieu denomina “violência simbólica” em relação à esfera do feminino.

DO *maravilhoso livro das meninas*, cito apenas um trecho:

A grande diferença entre meninos e meninas é que os garotos gostam de “fazer” coisas – dirigir carros, jogar bola, brincar, comer, soltar pum, etc — enquanto as garotas gostam de “sentir” coisas – amor, amizade, felicidade, entusiasmo, etc. As meninas são mais emocionais que os meninos. É claro que não se trata de uma regra absoluta.

Embora haja a ressalva a não se tratar de uma regra absoluta, permanece a idéia de um “universo feminino” ligado a uma possível essência de mulher. As

polaridades continuam, e tendem a ser preservadas, pois a reprodução de papéis afirma a tal docilidade que seria inerente ao feminino. Aos homens, nesse modelo, corresponderiam a atividade e a força, e, às mulheres, a debilidade e passividade.

As obras aqui comentadas unem-se, muitas vezes, pelo selo de paradigmático, e em um painel de situação exibem preocupações com papéis de estabelecimento de gênero. A partir de suas sinopses, pode-se visualizar o encadeamento de sentido pelo superficial, pelo chamariz do tema. As editoras fazem seus anúncios a partir da percepção temática, fortemente marcada nas sinopses, tentando chegar às diretrizes dos parâmetros curriculares nacionais. São esses livros que estão nas mãos de crianças e jovens e formam leitores, e mais do que isso, sinalizam para condutas, comportamentos e pensares. Alguns deles estimulam, por vezes, reflexões, potencializam atos de ser, outros param na simples exposição, outros, ainda, deixam perceber preconceitos e fossilizações. Muitos trazem representações de meninas agarradas à domesticidade e ao espaço privado, definidas pela tecnologia de gênero e engendradas nas relações sociais, em que parece não haver espaço para mudanças e escolhas. Outras deixam entrever modulações e deslizamentos, levando, ao menos, a uma desestabilização das condutas fossilizadas.

Será possível reemoldurar, ou até mesmo viver sem molduras e enquadramentos? Se não, que seja afiançada, pelo menos, a possibilidade de desnaturalizar as marcas de gênero, mostrando o que elas apresentam de forçado e estático, e como são vendidas aparentemente fazendo parte da natureza do humano. Dentro dessa perspectiva, não se pode esquecer que a formação literária de crianças e adolescentes acontece por intermédio, principalmente, de textos de ficção. Por meio deles, leitoras e leitores têm acesso a universos conhecidos e desconhecidos, vêem-se frente a heróis e vilões, entram em contato com cotidianos em que ser menina ou menino aparece como uma pré-figuração, muitas vezes.

Do mapeamento de obras empreendido neste trabalho, restou um traçado zigzagueante, não retilíneo, que provoca o movimento de pensar a produção para crianças e jovens nesse início do século. E, também, permite refletir sobre o que pode ser demarcado em questões de gênero. Nesse quadro legível, organizam-se movimentos, travessias, negociações de sentido e matiza-se a complexidade da construção do sujeito. E, do mapa, fica uma certeza: alojar-se em discursos estáticos não irá levar a mudanças e ultrapassagens. Nas palavras de Guacira Lopes Louro:

Uma estratégia mais desestabilizadora irá colocar em discussão esse tipo de representação. Problematizará, por exemplo, o fato de as mulheres serem denominadas de “o segundo sexo” (uma afirmativa que é, via de regra, consensual e indiscutível) e levará a analisar as narrativas — religiosas, históricas, científicas e psicológicas— que instituíram esse lugar para o feminino. Tornará possível discutir o que implica, numa seqüência qualquer, ser o segundo elemento; ou o que significa ser o primeiro, isto é, ser a

identidade que serve de referência; ou, ainda, permitirá analisar as formas através das quais tal classificação se faz presente nas práticas sociais e culturais de qualquer grupo. (LOURO, p. 46).

Na construção discursiva da infância e adolescência, em foco nos textos centrais deste trabalho, encontram-se presentes relações de gênero, que levam a pensar em hierarquias, estratégias de dominação e desigualdades. Os postulados androcêntricos ainda se situam muitas vezes como matriz, seja latente ou manifesta, na pauta da exploração do tema que situa comportamentos de meninas e meninos na literatura infanto-juvenil. O exercício de leitura é, no entanto, ato de potência. E exercendo-o, através da consciência, traçam-se os caminhos que permitem a distinção entre a opressão e a resistência, entre a dominação e o agenciamento. Desestabilizar as representações, redefinir o gênero, para além dos liames sexuais, em novas perspectivas, é a tarefa, em constante exercício de compreender o mundo e, pelo menos, tentar mudá-lo.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- BERGALLO**, Laura. *Alice no espelho*. São Paulo: SM, 2005
- BOCHECO**, Eloí Elisabete Bocheco. *Beatriz em trânsito*. Porto Alegre, Nova Prova, 2005.
- BOURDIEU**, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- BRANCO**, Sandra. *Por que os meninos têm pés grandes e meninas têm pés pequenos?* São Paulo: Cortez, 2004.
- BRENMAN**, Ilan. *O que os meninos fazem? O que as meninas fazem?* São Paulo: Callis, 2008.
- BUTLER**, Judith. *Problemas de gênero; feminismo e subversão de identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CAMARGO**, Maria Amália. *Romeu suspira, Julieta espirra*. Ilustrações de Silvana Rando. São Paulo: Girafinha, 2007.
- DANTAS**, Cristiane. *Vic*. São Paulo: SM, 2007.
- DAVIDSON**, Rosemary & VINE, Sarah. *O maravilhoso livro das meninas*. São Paulo: Globo, 2008.
- FLORENCE**, Stella. *Ser menina é tudo de bom*. Rio de Janeiro: Record, 2007
- LABBÉ**, Brigitte & PUECH, Michel. *Os meninos e as meninas*. São Paulo: Scipione, 2005.
- LEAL**, Ana Letícia. *Meninas inventadas*. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2006.
- LOURO**, Guacira Lopes et al. *Corpo, gênero e sexualidade*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- MORENO**, Monserrat. *Como se ensina a ser menina: o sexismo na escola*. São Paulo: moderna; Campinas, Ed. da UNICAMP, 1999.

<http://www.cortezeditora.com.br>

<http://www.scipione.com.br>, capturado em 20/10/2008